

Apresentação
Nem só de vírus é feita a contaminação por COVID-19:
Religiões em tempos de pandemia

COVID-19 contamination cannot live by viruses alone:
Religions in times of pandemic

Waldney de Souza Rodrigues Costa*

Emerson José Sena da Silveira**

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-1>

Quando em 2020 abrimos a chamada para este dossiê *Religiões em Tempos de Pandemia*, tínhamos dois objetivos. O mais óbvio era oferecer aqui na Plura um panorama dos principais eixos de discussão sobre as diferentes expressões religiosas do cenário que enfrentamos, mas também mantínhamos um interesse secundário em apresentar como o próprio estudo geral das religiões, praticado na Ciência da Religião ou nas Ciências Humanas como um todo, comportou-se em meio a esse contexto. Algo que pretendíamos captar entrevistando alguma liderança nesse campo de estudos e anexando a resenha de uma obra publicada no período. O que de fato ocorreu. Será possível encontrar tanto na entrevista cedida por Rodrigo Toniol, quanto na resenha que Kamisson Azevedo fez do livro *Religiões em Tempos de Crise*, lançado em 2020.

Em entrevista, Toniol compartilha as suas impressões no cenário recente e a experiência de estar à frente de uma comunidade científica nessa conjuntura, a Associação de Ciências Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Comenta fatos que envolveram diferentes religiões, indica temas que possivelmente serão destaque nos próximos trabalhos e explica o impasse da realização da *20ª Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, que estava prevista para acontecer em julho de 2020, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

*Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor e chefe do Departamento de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: professorordney@gmail.com.

** Doutor em Ciência da Religião, antropólogo, professor associado do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: emerson.pesquisa@gmail.com.

E Kamisson Azevedo, em sua resenha, comenta o resultado do projeto *Religando: Cursos de Extensão da Quarentena*, desenvolvido pelo professor Frederico Pieper e sua equipe na UFJF, ligada ao Grupo de Estudo em Teorias da Religião (ETER) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR). O livro, organizado por Pieper e Danilo Mendes (2020), é uma coletânea de textos produzidos a partir dos primeiros módulos dos cursos promovidos em tempos de crise, como seu títulos sugere. Na resenha, Azevedo destaca que as condições sanitárias que nos exigiram adaptações acabaram por oportunizar a reinvenção criativa das práticas acadêmicas. A obra é fruto disso.

Ainda assim, esses não são os únicos momentos em que os estudos de religião se tornaram eles mesmos o assunto em questão nesse dossiê. De forma inusitada, recebemos o texto *Theology, Religious Studies & the Covid-19 Pandemic: 'Theology in English' goes global (Teologia, Ciências da Religião e a pandemia da Covid-19: 'Teologia em Inglês' se torna global)*, de Graham Gerald McGeoch e Mariana Elise Thomas, dedicado a apresentar as transformações criativas que o programa *Theology in English*, desenvolvido no âmbito da Faculdade Unida de Vitória (FUV), no Espírito Santo, experimentou no contexto da Pandemia, especialmente com a possibilidade de envolver pessoas oriundas de diferentes locais. Embora esse artigo não estivesse no escopo dos temas que inicialmente compunham a chamada para o dossiê, coadunava com a proposta que tínhamos em mente como objetivo secundário. Na leitura será possível perceber as afinidades entre a reinvenção das práticas de ensino na FUV e a reinvenção das práticas de extensão na UFJF, além de uma aproximação com o que nos relatou Toniol.

Com isso, escolhemos esse texto para abrir o dossiê, como uma espécie de ponte entre a entrevista e os demais textos do número.

Com a chamada para o dossiê *Religiões em Tempos de Pandemia*, tínhamos o objetivo de abarcar as mais diferentes dimensões do componente religioso do cenário gerado com o surgimento do novo coronavírus, sem perder de vista a presença desse componente em situações passadas, quando a humanidade enfrentou conjunturas semelhantes. Esperávamos aglutinar nesse número da Plura principalmente temas como as transformações das práticas religiosas que tiveram que ser suspensas para a redução da contaminação, os dramas em torno da impossibilidade dos rituais de luto, o lugar da espiritualidade no cenário de incerteza causado pela pandemia, as formas como diferentes religiões interpreta-

ram novas doenças – incluindo a COVID-19, o engajamento de instituições e grupos religiosos na assistência social às camadas que mais sofreram o efeito econômico do necessário isolamento social, as tensões entre o discurso religioso e o discurso científico, o papel do lobby religioso no desenho de políticas públicas de saúde adotadas e a capelania hospitalar antes, durante e depois da pandemia. Cumprimos em grande medida o objetivo. Apesar de não conseguirmos nenhum artigo mais focado nos rituais de luto ou na capelania hospitalar, todos os demais temas propostos constam nesse dossiê.

Logo após o primeiro artigo sobre as transformações no estudo das religiões, temos os artigos sobre a reinvenção das práticas religiosas em si. No texto *Liturgia online na pandemia: reflexões sobre as práticas religiosas de católicos e luteranos no Brasil* será possível encontrar uma reflexão sobre o desafio que a necessária prática litúrgica em formatos alternativos impôs às instituições religiosas.

Os autores Júlio Adam e Moisés Sbardelotto, a partir de documentos oficiais católicos e luteranos emitidos em 2020, apresentam a “inculturação digital” como algo que depende de revisão teológica. Algo semelhante ao que discutem Valdir Stephanini e Julio Cezar Brottono artigo *A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias*. Os autores recuperam a história de importantes pandemias enfrentadas pela humanidade para relatar como se tornaram oportunidades de revisão da liturgia em instituições cristãs, não só para responder às demandas sociais em geral, como também atender às suas próprias comunidades. Entendem os autores que, assim como foi com a peste negra (1346 a 1352) e a gripe espanhola (1918 a 1920), a situação vivida com a Covid-19 tende a gerar mudanças profundas em termos culturais, práticos e de ideias.

No dossiê constam mais dois artigos que recuperam a memória da peste negra como enfermidade de proporções enormes e multissistêmicas. São textos atravessados pelo tema da interpretação religiosa das doenças. O primeiro é *A Peste Negra e o imaginário religioso nas obras de Jean Delumeau*, de Sergio Luiz Marlow e Wanderley Pereira da Rosa. Os autores julgaram esse momento que vivemos com a Covid-19 oportuno para recuperar a memória da peste tal como aparece nas obras de um dos mais importantes historiadores do cristianismo, que faleceu justamente em 2020, aos 93 anos. O texto, que é um exame do tra-

balho de Jean Delumeau visando recuperar o imaginário religioso da peste negra, é também uma homenagem por ocasião de sua morte. Ele é seguido do artigo *Culturas visuais e pandemias: aproximações warburgianas aos motivos da Dança da morte e das Vanitas*, de Helmut Renders, que versa sobre o reflexo da constante convivência com a morte na arte religiosa da Renascença. Esse artigo de certa forma também se conecta ao tema da espiritualidade no cenário de incerteza, por conta de tocar a questão da necessidade de domesticar as angústias que surgem diante de um contexto aparentemente indomável. O autor destaca o lugar das imagens em meio a isso.

Em todo caso, seja nas situações passadas ou na mais recente, da interpretação religiosa dos fatos dependem as respostas das comunidades de fé à crise que se estabelece. Elas podem variar bastante. Há casos em que ganha ênfase engajamento na assistência social e esse é um dos principais tópicos do artigo *Redesdecuidado: enfrentamento da Covid-19 nas religiões afro-brasileiras*, de Daniela Calvo. Destacando o posicionamento imediato de instituições como a *Federação das Religiões Afro-Brasileiras (AFROBRAS)* e a *Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO Saúde)*, a autora descreve o papel de terreiros no enfrentamento da crise gerada pela Covid-19, chamando a atenção para a colaboração com o Sistema Único de Saúde (SUS) e todo o trabalho de confecção de máscaras e montagem de cestas básicas para distribuição.

Contudo, há também o caso em que lideranças religiosas não se portam de maneira tão ativa. Essa é a interpretação que Reuberson Ferreira dá aos arcebispos católicos brasileiros, no texto *A Pandemia e a Igreja Católica no Brasil: Algumas reflexões sobre a postura do episcopado Brasileiro para o enfrentamento da pandemia do Covid-19*. Analisando as notas oficiais das Arquidioceses, o autor repara que a postura foi muito mais de sujeição a decretos públicos do que de livre iniciativa de contenção da contaminação. As posturas mais incisivas só vieram com o agravamento do quadro.

Há que se considerar que o desenho das respostas à crise pode esbarrar nas frequentes tensões entre o discurso religioso e o discurso científico. Uma das formas de lidar com isso é apresentada por Carlos Teixeira e Francisco Carvalho no artigo *Pandemia no Século XXI: o discurso religioso e científico em periódicos adventistas*. Analisando as edições de abril de 2020 de revistas ligadas de alguma maneira à Igreja Adventista do Sétimo Dia, os autores encontraram a veicula-

ção do discurso científico e religioso sobre a Covid-19 em um movimento pendular que, ora enfatizava informações científicas relevantes para conter o contágio, ora enfatizava uma interpretação escatológica dos fatos. Ao final, perceberam uma política editorial que visava familiarizar o fiel leitor com o conhecimento científico de forma a atenuar possíveis entrechoques com as questões da fé professada. Mas os níveis de tensão entre esses discursos só se agravam com os textos que vêm a seguir.

No artigo *Diaconia, crises e COVID-19: da adversidade à transformação*, de Dionata Rodrigues e Márcia Paixão, temos o inusitado caso em que a solidariedade espontânea praticada por religiosos de confissão luterana só pode ser realizada no enfrentamento do discurso religioso do qual se vale Bolsonaro, ao presidir o país durante a crise, praticando uma espécie de cristofascismo, tal como é caracterizado no texto. Essa solidariedade, que no âmbito luterano é chamada de diaconia, assemelha-se ao que foi discutido por Daniela Calvo anteriormente. No entanto, o texto se diferencia por enfatizar não apenas a atuação, recuperando o histórico da assistência, como também a necessidade de luteranos, que também são evangélicos de certa forma, lidarem com o discurso hegemônico evangélico em apoio ao presidente.

O texto *Economias morais evangélicas e governo Bolsonaro em tempos de pandemia*, de Silas Fiorotti, é uma oportunidade para aprofundar essa discussão. Partindo da reflexão sobre a emergência de uma espécie de cultura pública evangélica no Brasil, o autor analisa discursos evangélicos proferidos pelos seus grupos hegemônicos durante a crise de saúde pública e percebe afinidades entre a concepção de liberdade religiosa irrestrita contida nesses discursos e a concepção de liberdade individual defendida por Bolsonaro em seu governo, que, longe de assumir uma forma ditatorial, atenta contra as instituições republicanas para enfraquecê-las no sentido de favorecer sua família e seus aliados mais próximos. A liberdade religiosa reivindicada nos discursos analisados se encontra com a liberdade promovida pelo governo Bolsonaro na irresponsabilidade.

Nessa mesma toada segue o artigo de Emanuel Silva, intitulado *Igreja, “serviço essencial”?* *Compreendendo argumentos de parlamentares evangélicos*, com a diferença do destaque à questão do lobby religioso no desenho das políticas públicas de saúde. Ele analisa os argumentos mobilizados por deputados estaduais evangélicos do Ceará com o intuito de colocar os templos no rol dos

serviços essenciais cujo funcionamento era permitido durante os períodos em que era necessária uma maior reclusão para conter o avanço da Covid-19. A contextualização feita para a análise revela que os deputados são uma peça de uma trama maior, em que o lobby é realizado por diferentes figuras de alguma maneira ligadas ao coletivo evangélico. Para o autor do artigo, ao firmar os templos como serviço essencial, os agentes não miravam apenas o momento urgente, mas também situações futuras, em outras crises de saúde que virão, e teriam esse tipo de forma e condicionamento. E cabe destacar que o que se viu no Ceará também aconteceu em muitas localidades ao redor do país.

Ao final, esse número da Plura ainda conta com o artigo livre, *Interface entre Mídiação e Mercado Religioso a partir do estudo da emissora católica Rádio São José*, de Marcos Vinicius de Freitas Reis, que analisa uma estação católica de rádio no Amapá que se detém na comunicação institucional com certa fragilidade, sem explorar as muitas potencialidades comunicacionais. É nesse momento que pensamos: quão diferente é o mundo evangélico! Com tamanha expertise no trabalho com mídias, são os grupos com maior capacidade de operar adaptações como as que são apresentadas no início do dossiê. Porque é justamente da vertente religiosa que possui o maior potencial de adaptação que emergem as vozes mais irresponsáveis com a contaminação por Covid-19? Esse é um problema cuja resposta talvez não esteja nesse conjunto de textos, mas eles com certeza ajudarão a produzi-la.

Diante de tudo o que encontramos nesse dossiê, fica um tanto evidente que a contaminação por Covid-19 não acontece apenas por uma fração de RNA que se espalha entre humanos, afetada por alguns fatores sociais. Os fatores que excedem a esfera biológica não são só fatores, mas parte integrante do enredo dessa contaminação, sem a qual ela não só poderia acontecer de outra forma, mas talvez nem aconteceria. O que temos aqui não são fatores religiosos condicionantes e isolados, mas aspectos religiosos da contaminação que é uma trama tecida com fios biológicos e fios da política, da gestão pública, da negação, das variadas expressões de fé... Fios inseparáveis na realidade. Não é eficiente abordar essa doença, e outras, isolando um tipo de fio, de forma a individualizar algum aspecto, perdendo de vista a imensa trama. Sem entender isso, não conseguiremos lidar bem com a Covid-19.

Essa constatação nos aproxima do conceito de sindemia, de Merrill Singer (2009). Desde os anos 1990, esse antropólogo, que também é médico, tem se de-

dicado a uma melhor compreensão da frequência e da distribuição das doenças nas populações humanas. A ideia de sindemia advém do reconhecimento, através de várias pesquisas interdisciplinares realizadas nas últimas décadas, da fusão de determinantes biológicos e socioculturais na realidade dos processos de adoecimento. Conceitualmente, ela é caracterizada pela interação entre pelo menos duas doenças em determinada população em um contexto peculiar, ou seja, que vive de uma forma específica (SINGER, 2009).

Em termos gerais, uma das grandes implicações desse conceito para profissionais da saúde é na forma de lidar com as afecções. Geralmente, cada doença é tratada de uma maneira. Ainda que um paciente seja acometido por duas enfermidades ao mesmo tempo, cada uma recebe o seu trato específico. Uma tentativa de ultrapassar essa abordagem comum é a ideia de comorbidade, usada quando se percebe que uma enfermidade anterior facilitou o agravamento de uma adquirida mais recentemente. Porém, a noção de sindemia defendida por Singer (2009) vai além. Entende-se que há enfermidades que se agravam mutuamente, de forma que quem contrai as duas não está com dois problemas, mas também está com um terceiro, que é a potencialização dos outros dois. Isso possui várias implicações para a área da saúde, mas a mais importante para as pesquisas em Ciências Humanas vem a seguir. De acordo com Singer (2009), uma sindemia ocorre quando pessoas que vivem de determinada forma, em certas condições, estão em maior propensão a sofrer da interação entre essas duas doenças a ponto de fazê-las, juntas, atingirem proporções pandêmicas.

Nesse ponto é importante destacar que se trata apenas de um conceito, uma palavra com determinada finalidade. Singer (2009) alerta para o fato de que epidemiologistas vivem reclamando das imprecisões entre os termos epidemia e pandemia, de forma que, se pandemia é uma epidemia que atingiu proporções globais, há muitas doenças cuja disseminação ultrapassou o território de um país ou continente, tornando difícil a sua classificação, como uma ou outra coisa. Em todo caso, são termos determinados no uso, de forma que é útil chamar uma epidemia de pandemia quando se quer tomar providências que diante de epidemias geralmente não são tomadas. Com sindemia não é diferente.

Se em todo o dossiê aqui apresentado o termo pandemia é o mais encontrado, ao final da leitura, ficamos com a impressão de que talvez fosse útil interpretar como sindemia aquilo que ocorre com a Covid-19 em interação com as afecções que se popularizaram como “comorbidades”. Toda essa disseminação só

se realiza em uma população que vive com suas crenças e não crenças, praticando certas religiões de maneiras específicas que se tornam, ao final, parte integrante dessa experiência coletiva de contaminação, sendo decisiva em seu agravamento ou não. A quem quiser conhecer um pouco dessa parte, fica o convite à leitura dos textos e a essa reflexão. Com a sensibilidade que o tempo atual exige, será possível chegar a conclusões semelhantes às que chegamos e julgamos melhor não acoplar a essa introdução para não estendê-la além do necessário, optando por consolidá-las no texto pós-editorial *A Covid-19 e a Religião: sindemia, sindemônio e o desafio de compreender o religioso*, apresentado como um comentário de fechamento do dossiê.

Referências bibliográficas

PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (org.). *Religiões em tempo de crise*. São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama, 2020. Disponível em: https://www2.ufjf.br/ppcir/wpcontent/uploads/sites/145/2020/09/Religiao_e_m_tempos_de_Crise-li-vro-final.pdf. Acesso em 25 de março de 2021

SINGER, Merrill. *Introduction to syndemics: a critical systems approach to public and community health*. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.